

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

2 de Abril de 2005 • Ano LXII • N.º 1593
Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Aclio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Setúbal

Luta contra a pobreza

UMA luta se vem travando nas sociedades, tão necessária quanto inconsequente: luta contra a pobreza.

Estabelecem-se organizações e planos na prossecução deste objectivo. Fazem-se estatísticas e obtêm-se percentagens da população a viver sob o limite da pobreza. Apeceia-me dizer como Pai Américo quando se referia às teorias e opiniões que corriam acerca da delinquência infantil: «Estudam, classificam e afastam-se. Assim se faz com os micróbios!»

Este combate, como a temos visto, trava-o cada um no seu exterior, em nada mexendo com o seu interesse interior. Uma luta assim só pode estar destinada ao fracasso.

Esta guerra contra o próprio egoísmo é o início de uma verdadeira luta contra a pobreza. Começarão a cair os arqueiros e as traves dos olhos, e algo de novo surgirá no horizonte: a sede de lucros será moderada e o próximo passará a ter valor.

Lutar contra a pobreza é uma acção de amor. Pelo que sofre, pelo que passa necessidade. O bem que é a riqueza só se alcança com espírito de pobreza, amando o pobre.

Quem ama as riquezas semeia pobreza e miséria. O consumismo, a droga, a prostituição e a falta de trabalho são o fruto destes pecados sociais que é posto hoje na mesa dos Pobres, multiplicando o seu número.

Uma sociedade que cria necessidades nas pessoas, sem olhar à sua maturidade, aumenta o número dos seus Pobres. Muitos são os que não se sabem defender das facilidades dos vendedores de ilusões, a quem não interessam as fragilidades dos indefesos, mas só os seus próprios ganhos. Os poderes das ciências do marketing não se desenvolveram a pensar no bem-comum; são instrumentos da concorrência.

Luta-se contra a pobreza quando se defende as vítimas dos sistemas

Continua na página 3

Malanje

A fé de Abraão

HOJE, a fé de Abraão: O Senhor disse: vai, e ele foi; terá uma grande descendência, e ele que sim; sacrifica-Me o teu filho, e ele subiu ao monte. Ele é verdadeiramente o nosso pai na Fé!

Um grande escritor assemelha a fé a um tronco ensebado numa forte corrente... Difícil um manter-se em cima. Só um esforço enorme — ainda com uma ajuda da mão de Deus.

Nada fácil na correnteza da vida, onde, todas as margens nos convidam a um viver fácil e livre de todas as obrigações morais.

Impossível que este viver fácil — somente pensando em nós — seja fonte de felicidade!

Continua na página 3

Tribuna de Coimbra

Renúncias quaresmais

A PESAR de sabermos da intenção do Senhor Bispo em fazer convergir a Renúncia Quaresmal para a Casa do Gaiato, não deixámos de fazer os nossos tradicionais peditórios nas paróquias da cidade, como de costume, durante a Quaresma. Os Párcos disseram também da diferença que há entre este peditório e a Renúncia Quaresmal, mais expressiva e significativa... Assim, recolhemos integralmente os peditórios de Santa Cruz, S. José, S. Bartolomeu e outras igrejas da Baixa. Também estivemos na Rainha Santa e acabámos na Sé Velha. O tempo não permitiu ir mais além. O acolhimento é a marca mais generosa destes «encontros». Também se traduz em valores materiais. Assim, em Santa Cruz, para cima de 3 mil euros, e em S. José pouco faltou para os 10 mil. Mais uma vez se prova a dedicação que os cristãos desta Igreja de Coimbra nutrem pelo Padre Américo e pelas suas Casas do Gaiato. Não podemos deixar de

sublinhar o gesto oportuno do Senhor Bispo que sabemos estar enraizado de igual forma na alma dos Padres desta Diocese. É, nas palavras de D. Albino, um gesto do «Lava-pés», feito por todos e por cada um daqueles que se põe a caminho da Páscoa do Senhor.

São vastas as vezes em que refiro aos nossos Rapazes, cá em Casa, para os animar a eles e a mim próprio, que somos alvo de muita estima, de muito carinho e apoio, que nos vem assim de forma tão gratuita. Também digo que temos de merecer pela nossa postura diante da vida, diante de todos, na escola, nos empregos, em casa e no convívio social: orgulho e responsabilidade. É para provar aos que duvidam ou enxovalham injustamente que nos mantemos limpos na direcção certa: a família.

Os nossos peditórios são encontros de família, da família de Deus com as preocupações dos Seus mais queridos: os pequeninos que Pai Américo adoptou em nome e por mandato da Santa Igreja que é Mãe.

Sabe-nos bem este acolhimento; é sobretudo, bem frutuosa, espiritualmente, esta partilha. Nunca deixem de vir, ouvimos com frequência.

Tocou-nos especialmente o encontro eucarístico na Sé Velha, o nosso último púlpito desta Quaresma. Sobem aquelas escadas emblemáticas das serenatas estudantis, todos os Domingos, as meninas da Elisio de Moura, os meninos do Colégio de Órfãos e os do S. Caetano. A vestuta catedral de outros tempos, estava praticamente vazia. Aqui e ali, apenas o reflexo fugaz de um qualquer flash furtivo. Praticamente nós e eles e as inconfundíveis Criaditas dos Pobres, fomos os «praticantes» daquela Eucaristia. Padre João Evangelista faz tudo como se a «sua» catedral estivesse repleta.

Emocionante o momento das oferendas: «é para a Casa do Gaiato», adverte o Celebrante. Cada um daqueles pequenos e pequenas, num gesto de rara naturalidade e discreção, mete a mão no bolsito e deposita uma pequena moeda na saca do «Vinho» e do Leandro, os recolectores daquela Missa. Com esse gesto foram também os meus olhos por longo tempo. Esta partilha pareceu-me a mais fecunda das renúncias quaresmais; ela mesma, plena já de odor pascal.

Padre João

Momentos...

Dia do Pai

A educação física sempre esteve no coração da Obra da Rua como parte integrante do desenvolvimento dos rapazes. Basta ler alguns escritos do Padre Américo para ficarmos perfeitamente elucidados.

Em todas as Casas do Gaiato, os campos de jogos foram as primeiras construções logo a seguir à cozinha, sala de jantar e dormitórios.

Esteve na intuição psicológica que o Pai da Obra adquiriu, sobre o rapaz da rua, ao criar as Casas fora da cidade. Na verdade, nunca nela seria possível um desafogo destes!...

Antes do campo de milho ou de hortas, os Padres planearam o campo de futebol. Depois, vieram as piscinas, os polidesportivos; em Lisboa, um pavilhão e, noutras Casas, as pistas e outras áreas para patins, bicicletas e skates.

Não nos satisfiz o exercício físico que o trabalho agrícola sempre traz, pois houve sempre rapazes que, raramente ou quase nunca, mesmo durante os tempos livres, trabalharam no campo ou nas obras.

Hoje com a agricultura mecanizada, muito menos.

Sempre consideramos o desporto como instrumento privilegiado para desenvolver o equilíbrio psicomotor da criança e do jovem.

Em todas as Casas, a par da música, do teatro, da dança e da biblioteca, o desporto ocupa um lugar cimeiro.

Vários anos, os rapazes têm realizado campeonatos inter-casas.

O Alberto, «Resende», em crónica de Paço de Sousa, falou e continua a escrever acerca deste intercâmbio desportivo de que ele é princípio e animador.

Desde a primeira hora acarinhei, de coração aberto, a iniciativa com pena de que a mesma se não pudesse estender às Casas de África por causa da nossa pobreza.

Todos os jogos e todos os rapazes me merecem idêntica atenção, mas a carne é fraca e, os de mais perto tocam-nos, sem querer, o incontrolável sentimento.

Foi o que eu vivi, no dia 19, em Paço e Sousa.

Duas equipas irmãs, adversárias, em luta por uma vitória!...

Entre os rapazes de Setúbal estavam três que criei de meses. São

agora jovens robustos, desenvolvidos e equilibrados!

Outro, recebi-o com 3 anos. Aos seis, uma juiz mandou-me entregá-lo ao pai. Não obedeci. Foi a salvação do meu filho. Se tivesse obedecido ao Tribunal, o Luís engrossaria, talvez, agora, a falange dos marginais de Lisboa, pois o pai era uma pessoa incapaz. Outros tempos!... Outro respeito!... Os ímpios não tinham ainda devassado com as ditatoriais e nunca responsabilizadas calúnias, Estes Santuários.

Cada um trazia a dolorosa e doce história que eu vivia com os olhos atrás da bola.

Os rapazes de Paço de Sousa, apresentaram-se garbosos e determinados!

O meu interior não se decidia. Era pelo dois contendores!

O frente a frente dilacerava-me e emocionava-me de tal maneira que, com medo do coração, tive de abandonar o pelado.

Um trio de arbitragem da Associação do Porto dirigiu a partida.

Que grande jogo! E que nível!... Garra do princípio ao fim! Sem um segundo de tréguas e com respeito absoluto pelo antagonista! Nem um cartão amarelo, nem um palavrão, nem uma ameaça!

Os de Paço de Sousa ganharam! Mas, entre todos, quem mais granjeou fui eu!

Era dia do pai!

Sim, isto é desporto! É a pureza ideal da competição jovem.

Padre Aclio

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

QUINTA-FEIRA SANTA — Há muitos anos, como é habitual, os Pobres de Paço de Sousa celebram connosco a Santa Missa, em nossa Capela. Presença que Pai Américo muito gostava estar, aqui, com eles.

Após a celebração jantam aqui, no refeitório da nossa Comunidade. São viúvas, são doentes, são idosos e idosos, a maior parte vivem em casas do Património dos Pobres — as primeiras que Pai Américo construiu aqui, nesse tempo.

No fim do repasto, os que não possam regressar pelo seu pé, especialmente os mais idosos e doentes, regressam a suas casas em carro da nossa Obra.

Enfim, uma tradição que se mantém, há muito tempo, até quando Deus quiser.

PARTILHA — Do assinante 19148, do Porto, 50 euros: «É com muita amizade que envio esta pequena lembrança. Serve de meu contributo quaresmal para os vossos Pobres. 'Tapa buracos' para a vossa farmácia que, imagino, continua com o crónico défice». Meu caro engenheiro, Deus o ajude. A verdade é que, mensalmente, aí pagamos entre 300 e 400 euros!

Cem ditos, do assinante 32960, «com um abraço de desculpas pelo atraso nos meus deveres para convosco». É um Júlio, da Cidade Invicta.

Duzentos e cinquenta euros, da assinante 20185, de Amadora.

Lourdes, de Cacém, 30 euros com

os habituais «posinhos» e afirma: «Deus vos dê muita saúde. Bem-hajam». Dito tão bem!

Trinta euros, do assinante 53241, do Luso. «Darão o destino que acharem mais conveniente, face às necessidades mais prementes, por vós conhecidas».

«Como se aproxima a época mais festiva da Páscoa, envio cheque para os Pobres». É a presença habitual da assinante 7769, do Porto.

Assinante 33572, de Leiria, 25 euros «para ajuda de qualquer coisa útil para os Pobres». Uma parte dum poema seu, muito rico, que define o seu coração: «Esta é a realidade que nos acompanha. / Muitas vezes nem pensamos. / O Senhor é compassivo e não engana. / É a verdade que por vezes ignoramos».

Cinquenta euros, do assinante 21903, de Lanhese, pedindo «desculpas pelo longo silêncio, a minha vida...! Naturalmente que os valores são muito modestos, mas a situação económica não é muito favorável, de momento».

Dez euros, do assinante 68261, de Aveiro. Quinze ditos, da assinante 76496, de Coalhos (Pego), «pequena migalha, dada com muito amor». Cem euros, da assinante 23143, nossa vizinha, de Lagares, com um «bem-hajam por serem recoveiros dos Pobres».

Vinte e cinco euros, da assinante 66345, de Coimbra. Cem ditos, da assinante 31254, de Fiães: «Melhor do que eu sabem onde aplicá-lo». Duzentos e cinquenta, da assinante 11856, do Porto, «em acção de graças a Deus por me ter dado pais e irmãos maravilhosos».

Muito obrigado e, para todos, votos de Santa Páscoa.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

QUARESMA E TEMPO PAS-CAL — Nos Domingos da Quaresma, fizemos a Via-sacra, na hora do Terço. Na segunda-feira da Semana Santa, o Padre Lino, do Mosteiro de Singeverga, fez uma catequese sobre a Páscoa do Senhor, seguida de Confissões, com o Padre Marcos. O Padre Mário João veio ajudar.

O tríduo Pascal foi vivido com muita fé, culminando na alegria do dia da Páscoa. Feliz Páscoa para todos os nossos Amigos!

FÉRIAS DA PÁScoa — Os Rapazes têm-se empenhado nos trabalhos da nossa Casa. Para além das tarefas domésticas, das oficinas, do estudo e da música, estão a funcionar cursos de horticultura biológica e de informática.

CASA 2 DE BAIXO — Há já algum tempo que umas senhoras vêm ajudar a cuidar da casa 2 de baixo. É um trabalho discreto, mas que nos ajuda. Muito obrigado!

OFERTAS — O supermercado Intermarché, de Penafiel, tem sido generoso connosco. Tem-nos oferecido fruta e peixe. Recentemente, deu-nos um equipamento desportivo. Bem-haja!

FATOS DE TREINO — O departamento sénior da Casa do Gaiato está a precisar de fatos de treino para, pelo menos, 18 rapazes. Quem nos quiser ajudar, faça o favor de nos contactar.

Rolando Polónia

DESPORTO — Quem não deve não teme. Foi com esse espírito que os nossos Juvenis entraram em campo para defrontarem os briosos atletas do G.D.C. Ferreira, que são os primeiros classificados no respectivo escalão da A.F.P. Nunca tinham perdido, por isso, não vinham mentalizados para perder o jogo. Mas o mais engraçado, é que nem os jogadores, nem grande parte dos acompanhantes. Não foi um jogo fácil, sobretudo na segunda metade, a partir da altura em que o pé «canhão» do Rogério fez o 1-1 e o pé «mágico» do «Bolinhas» restabeleceu o resultado final. Quando o jogo terminou, todos se cumprimentaram amigavelmente, já que durante o jogo, nem tudo foi um mar de rosas!... É que para além da boa-vontade de todos, e nós acreditamos, também verificámos que, por vezes, estão convencidos que vêm encontrar aqui uns «santinhos», e não rapazes perfeitamente normais como todos aqueles que nos visitam.

No dia seguinte, os Seniores não quiseram ficar atrás, e ganharam ao F.C. Outeiro (Recarei) com golos de Rogério, «Bolinhas» e Abílio, contra um do «adversário». Um jogo calmo, bem disputado, apesar de custar ao «adversário» aceitar o resultado, alegando que a arbitragem foi um pouco caseira.

Os mesmos Seniores, no sábado seguinte, também receberam a fortíssima equipa de Juniores do Gulphilhares F.C. com quem empataram a dois golos. Jogo disputado a um ritmo acelerado, embora correcto e digno das duas equipas. Com os visitantes veio muita gente que ficou encantada com a beleza da nossa Aldeia. Alguns disseram: «Nunca tínhamos cá vindo, mas vamos felizes e temos que cá vir mais vezes». Até cá em Casa, o futebol movimenta as massas!...

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Março, 58.200 exemplares

CAMPEONATO INTER-CASAS DO GAIATO — Lá se vai andando! Como se pode e na medida do possível; com quem pode (...) e com quem quer. Jogamos uma vez de quinze em quinze dias, e treinamos de quinze em quinze dias. Mesmo assim, só, com aqueles que estão disponíveis... Não somos contra nada, nem contra ninguém, nem pensar! Gostamos de respeitar e de ser respeitados.

Mas vamos ao que importa. No dia 19 de Março recebemos os rapazes da Casa de Setúbal, com carinho e o melhor que pudemos e soubemos. Somos uma Casa hospitaleira, como qualquer outra das nossas Casas. É costume preparar tudo um pouco melhor, quando recebemos alguém de família com quem não convivemos diariamente. Ainda agora, em Miranda do Corvo, o nosso Padre João e a sua equipa de trabalho tinham tudo nos «trinques». Por cá, também não temos queixa. Padre Acílio e Padre Manuel não nos complicam a vida. Bem pelo contrário!

Dentro das quatro linhas, também correu tudo muito bem. Um jogo bem disputado onde Paço de Sousa saiu vitorioso com golos de Ilídio e «Bolinhas», contra um de Setúbal, marcado por Gerson Dias. Apesar de tudo, a sorte não esteve do nosso lado, pois, logo aos cinco minutos, Abílio mandou uma bola à barra. Contudo, Setúbal foi a primeira equipa a marcar, mas Paço de Sousa não se deixou intimidar. Já na segunda metade do jogo, mandámos mais uma bola ao poste e outra à barra, respectivamente por «Bolinhas» e Ilídio o que contribuiu para uma vitória magra, mas convincente.

No que diz respeito à arbitragem, bom, só lhe apraz fazer comentários, quem pouco ou nada percebe do assunto. O árbitro foi um dos que esteve no Penafiel-Sporting e Rio Ave-Braga. Só sabemos quem são os árbitros do encontro, na hora do jogo. Não vêm a nosso convite, mas nomeados pela Associação de Futebol do Porto. Estamos a fazer jogo limpo e a cumprir escrupulosamente o regulamento.

Pelo telefone, soubemos que do outro jogo do torneio entre Tojal-Miranda, saiu vencedora a equipa da casa, com uma vitória por 2-1.

Alberto («Resende»)

Miranda do Corvo

VISITAS — Recebemos, em nossa Casa, várias excursões, durante a Quaresma. Na sua maior parte são escolas, cheias de crianças e jovens com curiosidade de saber como vivem outras crianças e jovens da mesma idade.

Entre muitas outras recebemos a Escola de Castelo Branco, que nos trouxe quatro ferros de engomar roupa, pois o nosso já merecia descanso. Assim, alguém de Castelo Branco apercebeu-se durante uma visita e, agora, nós agradecemos.

Também recebemos a visita de várias Escolas do Entroncamento, eram cerca de 200 jovens em convívio com os nossos gaiatos. E, ainda, recebemos a visita da Escola João Meira, de Guimarães.

A todos agradecemos as vossas visitas, pois deixaram sempre muita alegria nos nossos rapazes.

CURRÍCULOS ALTERNATIVOS — Os rapazes que estudam na C+S de Miranda do Corvo, fizeram uma visita, com o professor Paulo, a Lisboa. Visitaram o Oceanário e o Jardim Zoológico. Os rapazes ficaram maravilhados com os golfinhos e com a beleza e a monstruosidade de outros animais. O que mais os fascinou foi o tamanho da raia, que viram no Oceanário. O que mais gostaram foi de receber um beijo da foca.

LAR — No último fim-de-semana do 2.º período, recebemos no nosso Lar de Coimbra a visita da psicóloga da Casa do Gaiato do Tojal, acompanhada por um gaiato dessa mesma Casa.

Tivemos que realizar alguns testes para avaliar o nosso comportamento face às tarefas que realizamos em Casa. Eram testes de fácil compreensão e entendimento.

Esta psicóloga está a fazer uma Tese de Doutoramento com base nas Casas do Gaiato.

O 2.º período escolar já terminou e os resultados não são muito animadores, já só resta o 3.º período para dar o máximo, aproveitando todas as ajudas que temos para recuperar o tempo perdido.

PEDITÓRIOS — Durante os cinco primeiros fins-de-semana da Quaresma, o nosso Padre João fez peditórios, campanha de assinaturas e venda de livros, em Coimbra.

No primeiro fim-de-semana, foi em Santa Cruz; no segundo, na Rainha Santa; no terceiro, como já é tradição, em S. José; no quarto, nas igrejas da Baixa (Santa Justa, Nossa Senhora da Graça e São Bartolomeu); e, para finalizar, no quinto, na Sé Velha.

Mas como a crise chega a todo o lado, os nossos sacos parecem cada vez mais «leves».

Adriano

Setúbal

VACARIA — O nosso boi «brinquinho» foi para a matação. A nossa vaca «brinquinha» está doente. Tem um problema no estômago que o médico veterinário vai tentar resolver com um tratamento.

FUTEBOL — Jogámos, no dia 6 de Março, contra a Casa do Gaiato do Tojal e empatámos 2-2. Estávamos a ganhar 2-0 e eles conseguiram chegar ao empate. Foi um bom jogo. Lesionou-se um dos nossos, mas já recuperou.

No dia 20 de Março, jogámos contra a Casa do Gaiato de Paço de Sousa e perdemos por 2-1. Também estivemos a ganhar por 1-0, mas conseguimos ultrapassar-nos.

No dia 2 de Abril vamos jogar à Casa de Miranda do Corvo. Esperamos que seja a primeira vitória da nossa Casa de Setúbal.

JARDINS — O «Fernandinho» andou com uma moto-serra a cortar uma árvore porque já estava muito velhinha. No seu lugar plantou-se um pinheirinho pequeno. A roda plantou-se verdinhos. O «Lota», o «Monchique» e a D. Isaura andaram a plantar flores no jardim inteiro.

PISCINA — O sr. Paulo, o Garcia e o «Rabaças» andaram a preparar cimento para rebocar o fundo da piscina porque tem lá um ralo para vaziar a água. Os técnicos andaram a pôr os filtros e os motores na casa-das-máquinas. Só falta pintar a piscina para a encher de água.

Horácio

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — O Mundo através um tempo difícil: são os acidentes da Natureza; é a falta de

Santo Antão do Tojal

Chamemos-lhe: O DOM

A Obra da Rua é um cantinho onde os meninos de várias sociedades e culturas se juntam para construir o caminho de amanhã, consertar o que faltou nas suas vidas passadas, em que o silêncio, o ódio, a guerra, a doença, a incompreensão dos pais, a droga, foram causas para que estes meninos viessem para esta Comunidade, que nos reúne como irmãos numa só família, para combater os becos mais ou menos negros deste nosso labirinto.

Numa família normal, de quatro ou mais elementos, os filhos precisam de um beijo de boa noite, de um abraço afectivo, de uma palmada na hora certa, de uma história de príncipes e princesas encantados, de outros tempos. Eles ficam felizes, sonham com o amanhecer feliz de construir o mundo novo, porque sentem a obrigação de o fazer, pois também são príncipes de hoje.

Na nossa Comunidade, isso é também uma sagrada defesa. Ter uma senhora que nos diga: vai para a cama, lava os dentes, é preciso cortar as unhas, calado que vou contar uma história. Assim nasce o dom. O dom não é algo que exige riqueza ou ordenado para fazer sorrir aquela criança que se porta mal ou bem. O dom é um chamamento que hoje muitos deixam passar ao lado. Não se lembram que ele passa nos pontos mais leves, inexpressivos e pouco claros do homem.

Muitas senhoras passaram na nossa Casa e todas elas deram as suas vidas por nós, e outras continuam a dar. Pois tudo tem a sua época, assim como as estações do ano. Duas das senhoras estão, neste momento, no Lar das «Irmãs Pobres». Outra, está cansada, a idade pesa e precisa de ajuda. Umas, infelizmente, já têm lugar no Reino de Deus. Quanto à paciência, pede-se a Ele.

Quando nos entregamos a este ramo, temos de ter a noção que este é um convite, o chamamento que Ele faz para podermos servir os outros, e guardar um jardim nessa Catedral prometida. É também uma forma de lavar a alma. «Quando ofereceres o pão ao mendigo, que seja de mãos brancas», nunca peças o troco, porque este ser-te-á dado de uma forma ou de outra. Ele paga de muitas maneiras, até mesmo com um simples sorriso de criança. A verdade ser-lhe-á comunicada.

É muito fácil termos frutos, o difícil é saber cuidar deles até amadurecerem e estarem aptos para serem servidos à mesa onde todos esperamos sentar-nos. Fica aqui esta mensagem para cada um dos Leitores fazer a sua reflexão e pôr em prática esta vocação. Se achar que a voz d'Ele soa nas montanhas, então não espere, deixe-a entrar e siga os Seus passos. Pede-se que não utilize armamentos que destroem o Céu e as Montanhas.

Este é um dos pontos que Ele recomenda. Não deixar que o azeite termine no candeeiro para que possa ver o jardim, mesmo estando na escuridão.

A palavra Senhora, em nossa Casa, tem o mesmo peso e valor que dizer: Mãe!

Abílio Pequeno

Benguela

Aflições deste povo

SINTO-ME afogado. Estamos no tempo das chuvas e as aflições deste povo, com quem fazemos a nossa vida, aumentam todos os dias. O provisório entrou na sua história e atingiu a parte substancial do seu viver. Sabemos quão importante é a habitação para a estabilidade familiar. A construção das casas é feita com material tão frágil que, quando chega a época das chuvas, grande parte delas desabam e as pessoas ficam ao relento. São pais e filhos, aos montes, sem nada com que se cobrir nem comer.

Por isso, sinto-me afogado na sorte desta gente. Ando à busca de tábuas de salvação, porque se amarraram às minhas mãos. Tenho medo de não receber força suficiente e a pressão é muito grande. Quem me dera ter dinheiro para comprar chapas de cobertura e ajudar a libertar as crianças das mordeduras dos mosquitos que trazem a morte pela malária! Precisam de tudo. É de meter medo a dependência em que ainda vive a maior parte deste povo.

Não quero desanimar, quero, sim, continuar a caminhar com os pais e os mais pequeninos, como parte da mesma família que eu sou.

Passei, há dias, por um bairro perto da nossa Casa. Fiquei assustado com o estado de degradação em que vive a sua gente. Pois, foi ali mesmo que dei a mão a um casal que estava sem casa. Outros vieram atrás e a mudança se vai operando, pouco a pouco. Dar a mão, eis o segredo das grandes transformações pessoais e sociais. Tenho dito que preciso de partilhar convosco os passos da nossa vida. Que será de nós sem vós?

A nossa escola, hoje, esteve quase paralisada. Foi a chuva que inundou as casas das crianças, no bairro. Estou a ver as mais pequeninas, misturadas com a lama, à espera da hora feliz em que o novo Centro Infantil, em casa nossa, vai abrir as portas. Tenho guardado silêncio sobre este assunto, há um tempo para cá, como quem está a preparar um grande acontecimento. É no

coração que começam as obras destinadas a ser grandes. As obreiras já chegaram. Mulheres valentes! O Pai fará o resto, que é tudo. A propósito, os 13 pequeninos, dados à luz em nossa Casa, ao mesmo tempo, estão felizes. O coração de mãe não lhes tem faltado.

Estou a escrever a uma semana da Páscoa. Perguntam-me, a cada instante, se vamos ter bolos. São assim as crianças, quando lhes cheira a festa. Temos que os fazer, vou respondendo. E é verdade. Antes, porém, tenho de comprar um pequenino fogão com forno. É o que vou fazer, com a Teresa, quando terminar estas notas. Gostamos que a nossa vida tenha este sabor a família. Quem me dera fazer chegar, também, às crianças dos bairros que nos cercam, o sinal da Festa da Páscoa. Vai acontecer.

Entretanto, vamos continuando a retirar os pedregulhos dos sepulcros que guardam os nossos irmãos até que tenham vida humana com o mínimo de dignidade. A grande Verdade da Ressurreição de Jesus tem significado em nossas vidas, só na medida em que os ajudamos a libertar das cadeias da morte, que tem muitos nomes, os que esperam por nós. Páscoa cheia de Paz e Alegria para todos!

Padre Manuel António

Malanje

Continuação da página 1

Na carta de Taizé, aos 80 mil jovens reunidos em Barcelona, vemos: «Deus quer que sejamos felizes, mas nunca nos convida a ficar passivos...»

Notou-se o desejo comum em todos os jovens participantes: Esta nova geração pode e deve ser a geração da felicidade. Que assim seja.

Se atendermos ao efeito profético e de grandioso alcance Universal das minorias abraâmicas — um pai velho e uma esposa estéril! Somos levados a crer que estes 80 mil jovens, abrasados de amor e esperança, sejam semente dessa geração de felicidade!

Meninos da rua

OUTRA vez os meninos de rua: A rua é um atractivo, passa a vício, fica obsessão. À porta do meu amigo Maneco, quase todos os dias, dava uma dor ao Manucho e ficava

estendido no chão. Cheio de compaixão ele tratava o menino. Um dia, desconfiou que era fingimento e falou-me no caso. Fomos com ele a casa dos familiares. Tinha avô e uma irmã a viverem razoavelmente. Que o menino fugia de casa; que era saudável; que roubava; que, que... Manucho fuma cana! Lá o deixámos. Não mais ficou estendido à porta do Maneco — talvez, com medo de o levarmos ao avô. Porém, desconfio que dorme na rua em cima dum papelão.

Ainda eles:

Uma senhora ou menina, jovem e artista, cheia de brilhos, fez uma festa para os meninos de rua: Roupas, brinquedos e um almoço. Assim, não... À noite dormiram no mesmo papelão e no dia seguinte, igual pediniche e a mesma droga...

O problema destas crianças é mais profundo. Produto de carências de toda a ordem e falta total dum bom ambiente familiar. O nosso País é, potencialmente, riquíssimo. Urge ordenar, impor uma justiça social e disciplinar. Uma grande parte dos homens não têm uma família; sim, várias mulheres e rebanhos de filhos... Se é artista arregace as mangas e, em vez de almocinhos,

entendimento entre os homens, e que leva a tantas mortes inocentes; enfim, são os males deste mundo em que vivemos.

Isto leva-nos a pensar, cada vez mais, na solidariedade que deve existir entre todos nós, especialmente com os nossos irmãos mais necessitados. Sabemos que, felizmente, o mundo demonstrou um pouco disso com o que se passou, lá, longe.

Mas será que já não é tempo de nos preocuparmos um pouco mais com os nossos, e que, muitas vezes, até moram ao nosso lado? E eles são tantos...

Será que vale a pena continuarmos agarrados aos bens deste mundo? Não será, já, tempo de construirmos o nosso tesouro no Céu? Felizmente que ainda vão aparecendo pessoas que assim pensam.

Em tempos, fui procurado, em minha casa, por alguém que me disse para ir a casa de uma Senhora, que já era de idade avançada, pois queria entregar uma oferta para a Casa do Gaiato.

Fui a casa da pessoa. Realmente tratava-se de uma senhora de 92 anos de idade. Disse-me que a pensão dela não

era grande, mas, mesmo assim, do pouco que recebe ainda consegue lembrar-se daqueles que nada têm. Falou-me da sua partilha, não só com a nossa Casa do Gaiato, mas, também, de outras instituições de caridade. Que grande coração tem esta Senhora!

Chama-se a isto construir um tesouro no Céu.

A Senhora fez questão que eu fosse com ela ao Banco, onde tinha o dinheiro, para mo entregar pessoalmente.

Entregou-me 250 euros, que foram depositados nas mãos dos nossos Padres, da Obra da Rua.

Esta Senhora dá-nos o exemplo de como nos devemos desagarrar dos bens deste mundo, dividindo aquilo que não nos faz falta, por aqueles que nada têm.

Mas este investimento é eterno, e os juros rendem, não são deste mundo, é a nossa fortuna que vamos encontrar junto do nosso Deus.

Esta deve ser a nossa preocupação, porque já sabemos que não somos de cá.

Esta Senhora, com certeza, não só se preocupou com os seus como, tam-

Setúbal

Continuação da página 1

multiplicadores de pobreza. Dar-lhes meios para entrarem no jogo, nunca os colocará em pé de igualdade.

O pai de um dos nossos rapazes que foi retirado das ruas quando já entrado na delinquência, trouxe-lhe, há dias, uma valiosa máquina de jogos. O lugar onde vive não é digno de ter o nome de casa de habitação. O desvario tirou-lhe o discernimento. Tenho medo que o filho siga as mesmas pisadas. Esta luta traz-nos muitos dissabores. Trabalhar para que as suas vidas sejam equilibradas, é a causa das nossas conseiras.

Padre Júlio

faça conferências contra a poligamia, promovendo a família — amor — carinho.

Padre Telmo

bém, não se esqueceu daqueles que, neste Portugal, tantas necessidades passam.

A nossa Conferência luta com imensas dificuldades em continuar de pé, não só por falta de meios, que cada vez são mais escassos, mas também por falta de elementos.

É o amor aos nossos Amigos que não nos deixa desanimar. É o amor à Obra de Pai Américo que nos dá força e ânimo para continuarmos.

Mas o Senhor Deus diz-nos para não nos preocuparmos com o que se passa à nossa volta. Apenas nos diz para rezarmos, porque só em rezar já temos muito que fazer.

Mas também diz que tudo o que perturba é mau para nós e mau para aqueles por quem devemos rezar.

É isto que nos resta fazer.

Rezar para que o Senhor Deus toque nos corações para que se tornem sensíveis aos rogos daqueles que se preocupam com os nossos irmãos mais carenciados.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Oliga e Valdemar

DOCTRINA



A mensagem do pequenino da rua

COMEÇAMOS hoje a publicar em O GAIATO as «charlas» que foram lidas nos diferentes postos emissores da cidade do Porto. Elas eram sete, mas foram somente seis, que um posto não me abriu a porta. Não é doutrina nova; é a do Sermão da Montanha, cuja novidade consiste no ter deixado de ser praticada. Ora escuta a palestra na «Ideal Rádio»:

TRAZEMOS à presença de cada um de vós a mensagem do pequenino da rua; daquela infinita legião dos incognoscíveis, que inmerecidamente sofrem o abandono de todos e para os quais, até à data, não se encontrou melhor assistência do que o remédio dos Albergues e o negrume dos Aljubes. Trazemos de mando deles a mensagem de luz e de esperança, que é o nosso método de amparar, de assistir, de compreender, de amar ao infinito estas adoráveis crianças que guardam dentro do peito desejo infinito de ser amadas.

NÓS já somos uma Comunidade de setenta, instalados na Aldeia dos Rapazes, em Paço de Sousa, que se chama Casa do Gaiato das Ruas do Porto. Começámos no mês de Abril do ano passado, data em que tomámos conta duma quinta arruinada, onde parece que tinham habitado os Fidalgos da Casa Mourisca. Levantámos muros, fizemos socalcos, abrimos caminhos, surribámos terrenos, fomos buscar água a dois quilómetros de distância e começámos a levantar os edifícios da nossa Aldeia. Os nossos pequeninos, ontem vadios das ruas, falam hoje aos bois, lançam sementes na terra, apascentam os rebanhos, tiram o leite das vacas, cuidam das aves domésticas, cozem o pão no forno, corrigem-se mutuamente, aprendem a conhecer-se, tomam consciência do seu valor, sentem gosto de viver. O nosso sistema exclui absolutamente a costumada engrenagem burocrática. Nós desconhecemos o regulamento, os uniformes, as ordens do «senhor doutor». Dentro de uma encantadora desarmonia, tal qual se vê nas coisas da Natureza, os nossos pequeninos encontram a ordem e fazem a Beleza. O lume da lareira é a escola de todos os tempos; a escola da verdade, onde se criam e alimentam as almas sinceras. É a nossa universidade, onde os nossos pequeninos tiram o curso de homens de bem. Nos dias de cozedura, que tem lugar três vezes por semana, a nossa casa de forno é um clube de amor. Uns aquecem o fimo, outros amassam, outros tendem; o Sérgio, que é o mais velho e o que impera sobre todos, faz com a sua mão pequenos bolos de massa para distribuir pelos mais pequeninos, que estão a contar com eles. Não se escondem para praticar o bem. Não temem o desfalque da farinha. Eles sabem bem que não damos contas a ninguém e que estamos fora e acima de todo o racionamento. A Caridade vive de outras contas que o mundo não sabe fazer e batem sempre muito certo. As que os homens fazem é que estão erradas.

PRECISAMOS de quem nos ajude a concluir o plano geral da Aldeia. Ele consta de dezoito casas de habitação, de um edifício para oficinas, de um dito para escolas, de um outro para enfermaria, de uma capela, de um balneário e da casa-mãe, onde temos o refeitório comum e habitação dos orientadores. O conjunto comporta uma população de duzentos e cinquenta. Os que já hoje se sentem salvos, querem ir às ruas do Porto salvar os que lá ficaram. A obra de redenção há-de ser operada pelos redimidos. Nós aproveitamos entre o «Lixo» das ruas as vocações intelectuais. Alguns andam já a estudar nas escolas públicas. Com um curso superior, eles ficam a ter mais autoridade para serem os sucessores desta Obra e formarem uma barra na nossa Aldeia contra a cobiça dos inimigos, que muitas vezes se apresentam com peles de cordeiro — e são lobos. Toda a gente comeece esta verdade. Pouca gente tem a coragem de a dizer. Sim. Vocações intelectuais no «Lixo» das ruas. Os famosos bandidos com os quais a polícia armada hoje se mede, são, em regra, vocações do «Lixo» das ruas que nós não soubemos aproveitar.

VENHO ler a mensagem dos pequeninos. Trago recado para cada um dos ouvintes, de mando da Comunidade inteira das Casas do Gaiato. Eles não pedem esmola, que não é próprio do trabalho o mendigar; e eles são trabalhadores de primeira linha. O que eles pedem é que os auxilie a prosseguir na construção da Aldeia. Eles não se queixam da sociedade que os abandona e tinham razões para isso! Não se queixam, que são generosos. Eles querem pagar o mal com o bem, à moda do Evangelho. Pretendem formar-se na escola do bem dentro da própria Aldeia que desejam construir, a fim de saírem para o mundo úteis à sociedade, feitos portugueses de lei. Isto é o que eles querem; isto é o que eu peço para eles. Dize onde moras e como te chamas, nós mandamos buscar a oferta.

O. Amén. 5!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Moçambique

Pobres e escolas

PAI Américo em subtítulo ao *Pão dos Pobres* colocou «do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos». Tenho tentado chegar ao pormenor, dizer do que nos tem sido possível ir fazendo a bem destes Pobres que nos cercam e fazem parte da nossa vida. A palavra vem sendo abusada há muito, como pretexto para atrair a comiseração de doadores que, certamente para manter a porta aberta a outros interesses, não deixam de dar.

Neste trabalho de campo, temos conosco a «Prosalus» e a «Cooperação Espanhola». Da primeira estiveram aqui um Auditor e duas Representantes. Visitaram tudo, ouviram o Povo em todas as Aldeias, reuniram-se conosco

para entenderem melhor, o que não é fácil entender para quem vê números e não tem Luz para ir ao fundo. E ao fim de uma semana extenuante para eles, regressaram. E nós continuamos; e sempre que o apoio material não chega, a Casa do Gaiato sangra mais um pouco e vamos em frente, sem espartilhos de orçamentos.

Hoje, vou falar, brevemente, do nosso ensino escolar. A nossa escola, pensada também para alunos externos que ocupassem os lugares vazios nas turmas, mas sobretudo para aprendizagem de são convívio de rapazes da rua com rapazes e raparigas com família, hoje não chega para quantos nos procuram. São muitos mais os alunos de fora que da Casa.

Verdadeiramente ela transborda. Na Massaca, nas instalações da Creche, usando as mesmas cadeirinhas das crianças e as mesmas mesas, temos quinhentos e oito, da sexta à décima, das quatro da tarde às oito da noite. Mães e raparigas que predominam. A dificuldade está no desadequado material e ainda mais nos estragos diários que acontecem. Há que pensar em lugar e condições diferentes. Se tudo correr bem e Deus quiser, ainda este ano iniciaremos uma construção escolar com oito salas e o mais.

Mas, de há anos que temos um programa, chamado: Despertar. Pessoas da Comunidade vão pelas casas, convidam e convencem, sobretudo as mães e os homens, mesmo de idade, a frequentar o curso de alfabetização. Tem dado os seus frutos, alguns muito belos. O nosso canalizador, sr. Marroboge, com os seus sessenta anos, andou quatro na primeira e finalmente passou. Um outro nosso trabalhador agrícola, que na primeira

semana foi acompanhar o tractorista na recolha de capim e ficou sem o braço, literalmente comido pela máquina de ensilar, logo que recuperou, entregámo-lhe o pastoreio de cabras e ovelhas e a obrigação de começar a estudar. Este ano já fez a quinta e passou ao ensino normal de adultos.

Tudo isto vem a ser o ensino formal, de que já saíram muitos para Cursos Técnicos, predominantemente de Saúde e Educação, com emprego garantido no aparelho do Estado.

Mas temos ainda outro ensino, este mais básico. Com que dedicação é feito! E quantas pessoas adultas atinge! É o dos Agentes de prevenção, cerca de trinta, que actuam na área da malária, da cólera, do HIV-SIDA e do meio ambiente. Tem um grupo de teatro Kumbuka, instrumento muito valioso para apoio e ilustração. Há, ainda, as Líderes Comunitárias, mais de sessenta trabalhadoras nas Aldeias em visitas domiciliárias de apoio à família, com espe-

cial atenção às crianças de zero a sete anos.

A pobreza absoluta não pode ser vista como um mal a eliminar, o que somente seria possível com a eliminação das pessoas que não têm culpa absolutamente nenhuma do seu estado crítico de pobreza. E ninguém há tão pobre que não traga em si escondidas verdadeiras riquezas humanas e espirituais. Já é alguém dar-se conta de que há pobreza miserável. Mas é muito pouco, ou mesmo nada ainda. É preciso ter consciência que essa pobreza tem a ver comigo, me atinge e me insulta, se eu passo adiante. Dos mais bem colocados até aos que pouco têm, há que repensar a vida, que nascemos iguais em direitos e deveres, que o meu irmão tem direito à minha amizade. Se ele está caído tenho de ser eu a dar-lhe a mão.

Vamos celebrar a Ressurreição do Senhor. Ela é exigente e apelativa. Por Ela e por eles aqui estamos.

Padre José Maria

PENSAMENTO

A barraca é mesmo a negação do Evangelho. Este é totalmente Amor. Primeiro amar. Constrói um hospital. Arranja um «Morris». Vai à barraca buscar o pedinte e ele imediatamente começa a amar. Primeiro as coisas da Natureza: oliveiras, campo, sol. Depois, Deus! Qualquer outro caminho é errado.

PAI AMÉRICO

Pão de Vida

Apanhador

HÁ um instrumento simples que os Rapazes reclamam, em especial depois das refeições. Mudo e quedo, raramente se encontra no seu lugar de repouso e chega a levar alguns pontapés. Ouve-se, amiúde, perguntar por ele, mas não responde e nem sempre aparece. É o apanhador.

Vão chegando vários e partem, quebrados ou sem deixar rasto. Tem-se aguentado, até ver, uma pá, resistente, cujo encaço não se tem perdido. Há dias, encontramos, abandonado à sua sorte, um apanhador de madeira, que veio animar e ajudar o outro na sua nobre missão.

Neles se recolhe o que cai no chão, até nacos de pão, que não se podem nunca perder. Como é possível o Deus altíssimo ter escolhido uma presença tão baixinha?

De quando em vez e nem só na preparação para a Páscoa do Senhor, aproximam-se da nossa Casa pessoas, à procura de fazer as pazes com Deus, com os outros, consigo próprias e até com a Criação.

Numa sociedade que parece ter esquecido o sentido de Deus e do pecado, este encontro sacramental não se compadece com adiamentos. É certo que os nossos filhos são ciumentos e pode exigir ginástica, diante do imprevisto. Há horas que não esperam e o ritmo alucinante do modo de vida actual não educa para a paciência. Para que não haja entaves a este encontro único, o Papa recomenda *disponibilidade*.

Todo o tempo é propício para o confronto da nossa vida com o Evangelho. Os marginais sentiram-se acolhidos por Jesus, que afrontou os fariseus: «*Que é isto? Ele come com os pecadores?*».

Esta comunhão de graça também atinge a nossa Comunidade e toca-nos profundamente. É matéria muitíssimo delicada, porque o *sacrário* da consciência exige o máximo de respeito e sigilo, e não pode ficar à mercê de curiosos. É mesmo preciso tirar as sandálias

dos pés, porque o lugar que pisamos é sagrado e inviolável. Como é do foro íntimo, chamamos para celebrar esta festa interior, que faz reluzir os olhos, outros ministros do perdão. Limitamo-nos, há dias, a deixar, nas mesinhas de cabeceira dos pequenos da casa 2 de baixo, uma vintena de chinelos.

É um percurso árduo, até para quem é acolhido por nós, a exigir uma lavoura profunda, em que penetre bem a chuva que finalmente veio; e, assim, nos levantarmos e sermos atraídos por Ele, que Se levantou da terra.

Este encontro pessoal, sacramental, fortalece a nossa família; por isso, a nossa gratidão aos Padres, amigos, que têm celebrado esta festa conosco! A cura das nossas enfermidades interiores passa por este tesouro imprescindível.

Seja-nos permitido gravar, a

letras de sangue, que é a maior alegria que podemos experimentar, quando algum dos nossos filhos dá um passo, aproximando-se com confiança para este momento feliz! Será que Deus nos assusta? *O homem nunca é tão grande como quando está de joelhos diante de Deus*, diz João XXIII.

Privilegiamos a família, mas uma família como a nossa, alimentada pelo Lixo das ruas, e que persegue o caminho pedregoso de fazer homens novos, nunca pode dispensar o Médico divino. Todos precisamos d'Ele, não só os enfermos.

Com tanto lixo que vai atulhando os audiovisuais, os esforços devem ser redobrados para contrariar a deformação das mentalidades, instigada por interesse malévolo, que desvalorizam a família.

Os que caem no chão têm no madeiro da Cruz o instrumento sublime de recuperação, embora o *titulus crucis* O designe como agitador.

Faz bem abanar a nossa vida e esvaziar a pá de joeirar, limpando a nossa eira, para O reconhecermos no perdão e no partir do Pão.

Padre Manuel Mendes

O Senhor Ramiro

RAMIRO é nome em todas as gerações da família Monteiro de Aguiar. Assim se chamava o pai de Pai Américo. E embora nenhum dos seus filhos tivesse este nome de Baptismo, logo o primeiro neto assim foi chamado. E a tradição tem permanecido com outros netos, bisnetos e trinetos.

O Senhor Ramiro era, pois, o sobrinho mais velho de Pai Américo e foi desde a primeira hora da Casa do Gaiato de Paço de Sousa o homem da sua confiança. Foi mesmo ele quem, por delegação de Pai Américo, recebeu o velho Mosteiro em ruínas e a Cerca do Mosteiro mais o monte de Calvos, das mãos da Junta de Província do Douro Litoral que desde os anos vinte, do século passado, administrava a Fundação Casa Pia de Paço de Sousa.

A quinta pouco mais era do que maninho e foi ele o encarregado de a ressuscitar. Todos os Rapazes fundadores que vieram de Miranda do Corvo e os que entretanto foram admitidos em Paço de Sousa, foi a ele que encontraram como o Homem da Casa. Nesse resto do ano de 1943, a partir de Abril, Pai Américo ainda tinha um pé na Casa de Miranda e o outro na de Paço de Sousa. E depois, por causa da construção da Aldeia, tinha de sair muito. Mas estava o Homem da Casa.

Em 1954 quando Pai Américo começou Beire, com seu projecto de uma Casa do Gaiato de cariz eminentemente agrícola e do Calvário, já Paço de Sousa andava pelo seu pé e foi o Senhor Ramiro de novo o *cabouqueiro* daquela belíssima propriedade, quase abandonada, onde permaneceu anos até que a quinta estivesse organizada; e foi então, também, que a saúde começou a faltar. Ainda assim, celebrámos no Janeiro passado os seus 92 anos e 59 de casado.

Um homem bom, pacífico, simples. Com ele nunca havia problemas, mesmo quando de fora os levantavam. Não era com certeza um «*muro de lamentações*», mas era uma muralha de paz.

Como não há-de deixar-nos uma saudade grande este homem que faz parte das nossas raízes?!

A doença minava há muito. Muito lhe resistiu ele. Agora, no Céu, sua morada eterna, contamos com a sua intercessão. Contamos nós e contam sua Esposa e seus Filhos e Netos na esperança de que a Casa do Bairro, em Galegos, permaneça um património de humanidade, já que foi berço de tanta gente boa.

Hoje é o Domingo de Ramos. Pelo *dia* faz dois anos que o nosso Padre Luís partiu (Em 2003 este *dia* foi uns dias mais tarde!). Que Deus os tenha abraçados no abraço deste reencontro.

Padre Carlos

Encontros em Lisboa

Festas

O nosso Tempo Pascal será preenchido com as nossas Festas. Vamos para a estrada, ao encontro dos amigos, procurando apresentar frutos de gestações e partos muito difíceis...

Para já, aqui vão as primeiras datas dos nossos encontros. Outras datas virão a seguir:

Dia 2 de Abril, sábado, às 21h30, na Casa do Gaiato de Santo Antão do Tojal, primeira experiência, primeira apresentação e ver se está tudo em ordem.

Dia 10 de Abril, Domingo, às 15h30, iremos até Forte da Casa, ao Salão Paroquial

Dia 17 de Abril, Domingo, às 15h30, vamos a Lisboa, à Igreja do Sagrado Coração de Jesus, perto do Marquês de Pombal. Esperamos que Lisboa se anime mais do que tem feito nos últimos anos. Precisamos do vosso apoio.

Dia 24 de Abril, Domingo, às 15h30, será Rio de Mouro a ter a nossa presença. Contamos com o carinho com que sempre nos recebem.

Dia 1 de Maio, Domingo, às 15,30, rumamos até ao Salão dos Bombeiros Voluntários de Torres Vedras. Esperamos casa cheia.

Dia 7 de Maio, Sábado, às 15,30, vamos apresentar-nos no nosso Concelho, em Loures, no Salão da Câmara...

Que Deus abençoe esta nossa actividade!

Padre Manuel Cristóvão